

# ACUMULANDO SABERES: O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO NO CONTEXTO YE'KWANA

KARENINA VIEIRA ANDRADE

## RESUMO

Este artigo analisa a escola e seus significados entre os Ye'kwana, povo indígena cuja população está dividida entre o extremo norte do Brasil e sul da Venezuela. Analisando a trajetória dos primeiros professores ye'kwana, que tiveram um papel importante na consolidação da escola na aldeia, este trabalho discute a instituição como um lugar privilegiado para acessar o mundo não indígena.

## PALAVRAS - CHAVE

Ye'kwana, escolarização indígena, educação indígena, povos Caribe, Amazônia.

De acordo com a profecia revelada no corpo de conhecimento tradicional ye'kwana, as histórias *wätunnä*, a chegada dos brancos preconiza a morte cultural dos ye'kwana, seu destino inevitável. O futuro dos ye'kwana, revelado pelos antigos xamãs através das histórias, é a morte, não a morte física, mas a morte cultural, que ocorrerá quando os Ye'kwana deixarem de ser Ye'kwana para ser como os brancos. Isso dará início ao fim deste mundo, um processo lento, já em curso. Entretanto, o fim é apenas um estágio necessário para o início de um novo ciclo de vida na terra. O ciclo de histórias *wätunnä* se encerra com a profecia de que o mundo existente dará lugar a um novo mundo e ao início de um novo ciclo. Podemos dizer que a profecia é o último ato de um espetáculo sempre inacabado porque, como um moto-contínuo, nunca se encerra. Prova disso é que, segundo contam os sábios e historiadores ye'kwana, este não é o primeiro ciclo, mas o terceiro. Houve outras duas tentativas de criar um mundo povoado por seres que estivessem à altura de representar na terra o reino celeste de *Wanaadi*, o grande demiurgo, mas este, insatisfeito com o resultado, destruiu-os pouco depois de sua criação. Assim, embora vivam a situação paradoxal de buscar a própria morte, ao trazer o saber dos brancos para dentro da comunidade, os Ye'kwana encaram o desaparecimento de sua cultura como um estágio necessário ao início de um novo ciclo, quando todos os povos retornarão à terra, os Ye'kwana assumirão uma posição de destaque, assim como os brancos no ciclo atual. Como parte da preparação para assumir tal posto, estão, neste ciclo, acumulando o conhecimento dos brancos, e principalmente, aprendendo com os erros destes.

A profecia de *wätunnä* incita os Ye'kwana a buscar o conhecimento que está nas mãos do Outro. No começo de sua jornada neste mundo, os humanos precisaram conquistar bens e saberes dos animais; posteriormente, fez-se necessário negociá-los dentre os próprios humanos. É preciso ver, saber, conhecer, acumular – assim lhes diz *wätunnä*. Tal acumulação dá-se no sentido de prover um corpo de conhecimento que funciona como pré-requisito à posição que ocuparão no próximo ciclo. De acordo com a conduta ideal ye'kwana, a conquista desse conhecimento deve seguir o princípio do pacifismo. Para cumprir tal tarefa com sucesso, os Ye'kwana partiam em expedições carregando as armas adequadas – ralos, wajaa (tipo de balaio), tipitis e demais bens cuja posse lhes foi dada por *Wanaadi*. Munidos desses bens, os Ye'kwana empreendiam as trocas necessárias ao seu propósito de obter o conhecimento de tudo aquilo que *Wanaadi* criou e distribuiu entre os povos.

A necessidade ye'kwana de acumular conhecimento, saberes e práticas, traduziu-se em longas viagens comerciais através das quais, embarcados em suas renomadas canoas, mantinham contato com uma vastíssima rede de parceiros pelo maciço das Guianas e além, consolidada ao longo do tempo, incluindo, mais recentemente, o comércio com os

brancos. Embora não existam dados sobre as relações comerciais anteriores à chegada dos colonizadores entre as diferentes etnias que ocuparam a região do extremo sul da Venezuela, coração do atual território ye'kwana, há indícios suficientemente fortes de que tais relações comerciais datam de há muito (Arvelo-Jiménez 1989), sobretudo nos relatos dos próprios Ye'kwana. Arvelo-Jiménez, pioneira na análise dessas relações, denomina tal rede de SIRO, Sistema Regional de Interdependencia del Orinoco, e afirma que ela marcava um sistema de interdependência que alternava ações cooperativas não só de luta face a um inimigo comum, mas de trocas materiais, matrimoniais e religiosas, com ações bélicas de baixo impacto para o restabelecimento de limites e fronteiras diacríticas que evitavam a ruptura da rede (2001b).

São as trocas comerciais que darão o tom inicial das relações do colonizador com os Ye'kwana. Os brancos são “cosmologizados” pelos Ye'kwana, que os inserem na rede de relações comerciais com povos estrangeiros, na incessante busca por conhecimento, parte de sua preparação para o novo ciclo.

As viagens comerciais que os Ye'kwana da região de Auaris empreendiam até Boa Vista podiam durar um ano ou mais. Os homens costumavam empregar-se nas fazendas nos arredores de Boa Vista, onde trabalhavam em troca de mercadorias e, muitas vezes, construía canoas que seriam vendidas aos próprios fazendeiros ou a outros parceiros indígenas da região, tais como os macuxi e wapishana. Esse tipo de trabalho não era incompatível com o propósito principal das expedições comerciais – as trocas – pois os homens aproveitavam a estadia para aprender português. Tomar parte nessas expedições era parte do processo de socialização masculina, e os velhos de Auaris ressaltam que um jovem rapaz, assim que tivesse idade para tomar parte nas viagens, deveria acompanhar uma das expedições.

Com a presença de outros atores na área, na década de 1980, como os militares, a Funasa e a FUNAI, além missionários da MEVA, notícias e bens passaram a chegar até os Ye'kwana sem que precisassem se deslocar de canoa até Boa Vista. Foi também nessa década que um grupo de jovens foi para Boa Vista para estudar, permanecendo inicialmente na casa de conhecidos dos pais, amizades cultivadas justamente através das viagens comerciais e do trabalho nas fazendas. Esses jovens passaram a ser o maior elo de ligação entre o mundo da cidade e Auaris. Com o crescimento da escola de Auaris, fundada em 1983 por uma missionária da MEVA, as viagens fluviais foram praticamente deixadas de lado<sup>1</sup>. Os jovens passaram a estudar por meio período e não tinham mais o tempo necessário para se dedicar às longas viagens. Inaugura-se uma nova maneira de adquirir conhecimento, já que os bens chegam com os brancos, que se tornaram presença regular na área. O comércio deixa de ser o único meio de aquisição de bens

<sup>1</sup> Os Ye'kwana empreendem viagens à Venezuela para visitar parentes que moram em aldeias do outro lado da fronteira, especialmente no período de férias escolares. Entretanto, o motivo principal dessas viagens não é mais o comércio.

industrializados, passando a coexistir com novas fontes de riqueza, com as profissões introduzidas na realidade ye'kwana através das três principais instituições presentes na área: exército, escola e saúde.

## A CRIAÇÃO DA ESCOLA

Os Ye'kwana tiveram contato pela primeira vez com o homem branco e com sua parafernália cultural no território venezuelano. Com a presença constante dos missionários em área e a fundação de novas aldeias que abrigavam a missão, os Ye'kwana começaram a ter contato mais íntimo com a cultura ocidental e o saber dos brancos. Os missionários trataram de fundar escolas nas aldeias para ensinar espanhol aos índios e também aprender sua língua. Assim surgem as primeiras cartilhas em ye'kwana e, mais tarde, uma tradução da Bíblia.

Na Venezuela, em princípios dos anos 1950, a Missão Evangélica Novas Tribos (MNT) instalou-se no Território Federal Amazonas, incluindo algumas aldeias ye'kwana. Os missionários católicos, por sua vez, concentraram-se também no sul da Venezuela, tanto no Território Federal Amazonas quanto no Estado Bolívar. No território ye'kwana os evangélicos se estabeleceram primeiro no Cunucunuma e depois no Alto Orenoco. Acanaña, aldeia localizada no rio Cunucunuma, a princípio não recebeu bem os missionários (mais tarde se converteria) que, em 1958, fundaram missões no Cunucunuma, em Wedeiña e Mawishiña. No rio Orenoco, estabeleceram missão em Tamatama; no rio Padamo, em Tokishanamaña e Mudeshijaña – em Tokishanamaña apenas parte da população se converteu. Os católicos se estabeleceram primeiro em Santa Maria do Erebató (Jiwitiña), La Esmeralda (Medadänha) e no Cacuri (Lauer 2005)<sup>2</sup>.

Em Auaris, bem como em todas as demais aldeias ye'kwana, circularam notícias sobre a presença dos missionários. Essa nova categoria de brancos, que instalavam residência nas aldeias, logo ficou conhecida dos Ye'kwana e despertou diferentes tipos de sentimento à medida que a proposta de evangelização foi se tornando conhecida dos índios. Enquanto aldeias inteiras se convertiam à religião dos brancos, outras condenavam tal atitude; houve casos de aldeias que ficaram divididas entre convertidos e não convertidos (Coppens 1981; Frechione 1981). Os missionários logo iniciavam o estudo da língua ye'kwana e preparavam material para alfabetizar a população. Mais tarde, aparecem as primeiras traduções da Bíblia para a língua ye'kwana (vi um exemplar em Auaris, chamado *Wanaadi A'deddu, Palavras de Wanaadi*, uma edição bilíngue

<sup>2</sup> Vários homens me disseram que algumas aldeias na Venezuela que eram convertidas estão mudando de postura e abandonando a religião dos brancos. Lauer (2005) traz alguns dados sobre essa questão.

Espanhol-Ye'kwana. Não há tradução portuguesa).

Os Ye'kwana estavam envolvidos em uma rede na qual havia intensa mobilidade, que decaiu após a sedentarização da população. Os homens de Auaris visitaram as aldeias venezuelanas e tiveram contato com as escolas fundadas pelas missões. Um deles, que viveu alguns anos em Medadänha (La Esmeralda) no início dos anos 1960, conta que já havia um professor ye'kwana que havia sido treinado por missionários.

Embora condenassem a conversão à religião dos brancos, logo os líderes ficaram interessados em aprender o sistema de escrita. A princípio, mais do que aprender a escrever em ye'kwana, era o desejo de aprender a escrever a língua dos brancos que os movia. Um dos homens de Auaris viajou até a Venezuela e lá permaneceu por algum tempo. Quando retornou, trouxe algumas cartilhas e, após a aprovação dos líderes locais, começou a ensinar aos jovens o que havia aprendido. Tornou-se um hábito trazer cartilhas adquiridas nas viagens comerciais, inclusive cartilhas em português. “A gente via o desenho e tinha o nome escrito do lado da figura. Era assim que a gente ia tentando aprender”, contam. As dificuldades desse sistema de aprendizagem logo se apresentaram e os Ye'kwana perceberam que era necessária a presença de um branco para ensiná-los.

A Missão Evangélica da Amazônia (MEVA), ramo brasileiro da Unevangelized Fields Mission (assim como a Misiones Nuevas Tribus na Venezuela), estabeleceu-se em Auaris nos anos 1960, logo após a abertura da pista de pouso. Depois do encontro da expedição comercial ye'kwana com militares e missionários no Uraricoera, quando foram contratados para construir uma pista de pouso (onde hoje está localizada a missão conhecida como Palimiú), os Ye'kwana trabalharam em várias outras pistas (inclusive Surucucus, a maior delas) e ficou combinada a abertura de uma pista em Auaris, depois de um sobrevôo da FAB sobre a região, guiado pelo líder ye'kwana Albertino, já falecido. Pouco tempo depois que a pista ficou pronta, chegaram missionários da MEVA a Auaris. Embora não tenham demonstrado nenhum tipo de hostilidade com relação aos missionários, os Ye'kwana deixaram claro que não se converteriam à religião dos brancos, o que levou os missionários a se concentrar no trabalho com a população Sanumá. Donald Borgman, um dos primeiros missionários a viver em Auaris, linguista, dedicou-se ao estudo da língua Sanumá, cuja população crescia em Auaris com a chegada dos brancos. Naquele momento, a principal aldeia Sanumá localizava-se logo ao lado da aldeia Ye'kwana, próximo à pista de pouso recém-aberta (Ramos 1990). No final da década de 1970, entretanto, os Ye'kwana decidiram mudar-se, construindo não mais uma única casa redonda, mas várias casas retangulares, a cerca de vinte minutos de caminhada da missão. Não só o desejo de se afastar dos Sanumá, mas a chegada de trabalhadores da COMARA e a iminente vinda de mais militares (nos anos 1980 foi construída a primeira base militar em Auaris) foram decisivos para a mudança.

Em 1980, chegou a Auaris um casal de missionários para trabalhar com os Ye'kwana. Embora tivessem um bom relacionamento com “Donaldo” [Donald Borgman],

os Ye'kwana guardavam uma atitude de reserva com relação à missão e ao fato de que somente se interessavam pela língua sanumá. O novo casal de missionários ficou ali apenas dois anos e existem duas versões para sua saída (Moreira 2004): segundo a MEVA, o motivo foi a dificuldade de adaptação em Auaris, região muito isolada; segundo os Ye'kwana, o problema começou quando em 1981 missionários da MNT afirmaram na Venezuela que os não convertidos “queimariam no inferno”, chocando a população ye'kwana. Decidiu-se por um debate, organizado pelos evangélicos, em Mudeshijaña, comunidade do rio Padamo, da qual participaram alguns homens de Auaris. Como analisou Moreira (2004), a questão para os tradicionalistas era “qual seria o caminho certo para nos salvar?” e para os convertidos, “onde wätunnä fala do surgimento dos crentes?”. Chegou-se à conclusão de que wätunnä não fala sobre o surgimento dos crentes, que só podem ser descendentes de Fañudu<sup>3</sup>. Os convertidos perderam o debate; os homens voltaram a Auaris onde uma grande festa foi organizada, com muito caxiri (yadaaki) e tabaco (kawai) por três dias. Os missionários, descontentes com o que viram, decidiram ir embora.

Os Ye'kwana não desejavam conhecer a religião dos brancos, queriam, sim, um professor, alguém que lhes ensinasse a língua e o sistema de escrita. Do que haviam visto na Venezuela, apenas isso lhes interessava, pois a conversão significava abster-se de caxiri (yadaaki) e tabaco (kawai), e ainda renegar o conhecimento de wätunnä, o verdadeiro conhecimento. Um dos meus instrutores de wätunnä me disse:

quando os crentes chegam dizendo que o mundo vai acabar, vai ter julgamento e só quem acredita em Deus vai se salvar e os outros vão queimar, a gente sabe que não é verdade. Não é assim que o mundo vai acabar, vai ser devagar, aos poucos, vão acontecer muitas tragédias, como já tem furacão, terremoto. Só depois que acabar Ye'kwana é que a Terra vai queimar. Os pajés nos ensinaram assim, eles viram tudo, eles sabiam.

Ou ainda nas palavras de um dos líderes de Auaris:

quando os missionários vieram e contaram essa história, vocês vão morrer assim, o pessoal se convertia porque tinha medo. Os velhos, que sabiam wätunnä, não acreditavam no que os missionários diziam e não se convertiam, eles sabiam que era mentira, sabiam que depois que este mundo acabar vai começar outro e então será a vez dos Ye'kwana.

Em 1983 chegou a Auaris uma missionária com grande experiência em alfabetização (fora professora do Estado de Santa Catarina durante muitos anos) e também no trabalho com povos indígenas. Donald Borgman disse aos Ye'kwana que

<sup>3</sup> Nas histórias, os Fañudu são os primeiros colonizadores espanhóis.

a nova missionária era professora, como eles haviam pedido. Os líderes aceitaram sua permanência, mas continuaram firmes no propósito de não conversão. Ficou acertado que na escola a missionária teria liberdade para “contar suas histórias”, enquanto os Ye’kwana também “contariam as deles” (Moreira 2004). Quando a missionária chegou, Albertino, um dos líderes de Auaris, convidou-a a ensinar os jovens. Em maio de 1983 começaram as aulas para o primeiro grupo, composto por quatro adultos (um deles hoje é tuxaua da comunidade ye’kwana do Uraricoera; outro é um dos professores que cursa a Licenciatura Intercultural em Boa Vista) e seis adolescentes (um deles serviu no Pelotão de Auaris durante sete anos e hoje mora em Waikás; outro também é professor em Auaris; há um microscopista da Funasa e outros dois, além de serem professores em Auaris, sendo um deles o atual diretor da escola, são alunos da Licenciatura Intercultural da UFRR). Segundo a missionária, “a vontade de aprender deles era extraordinária” e no ano seguinte ela começou a 1ª série, com oito alunos, dois dos quais também se tornaram professores. Tomé, o ye’kwana que ensinara as primeiras lições aos jovens com as cartilhas trazidas da Venezuela, seguia no trabalho como intérprete e ficou responsável pela recém-criada turma de pré-escolar, com novos alunos. Uma pequena casa foi construída para abrigar a escola. Em 1986, foi concluída a primeira etapa do curso fundamental, mas a escola não era vinculada à Secretaria de Educação de Roraima e não tinha, portanto, reconhecimento, mas já se sabia do trabalho desenvolvido pela missionária. Para que os alunos que terminaram a 4ª série tivessem um diploma (alguns prosseguiriam os estudos em Boa Vista), foram considerados alunos por extensão em uma escola batista da cidade. A missionária assinou documentos exigidos pela Secretaria de Educação e os alunos eram avaliados através de provas que chegavam de Boa Vista.

Outros rapazes foram treinados pela missionária para auxiliar as turmas menores. Enquanto isso, alguns jovens que tinham concluído a 4ª série estavam estudando em Boa Vista. Os dois jovens que primeiro retornaram de Boa Vista após a conclusão do ensino fundamental (o antigo 1º grau) começaram a trabalhar como professores na escola. Na década de 1990 a escola foi reconhecida pela Secretaria de Educação, passando a se chamar Escola Estadual Indígena Apolinário Gimenez. Os dois professores foram contratados, remunerados conforme uma tabela especial da Secretaria. Anos mais tarde, quando foi criado o magistério indígena, ambos matricularam-se na primeira turma. Além deles, mais três professores também cursaram o magistério indígena em turmas seguintes. Uma nova turma iniciou suas aulas em Boa Vista em setembro de 2007, onde estão matriculados cinco jovens ye’kwana que já são professores. A escola tem hoje turmas de maternal a 8ª série, e espera-se que em breve, com a conclusão da Licenciatura dos professores, a Secretaria de Educação autorize a abertura do 2º grau.

A missionária permaneceu por mais de vinte anos em Auaris, trabalhando na escola que ajudou a criar, tendo recentemente se mudado para uma nova aldeia ye’kwana na região conhecida como Tucuxim, fundada em 2008. Todas as aulas na escola são

ministradas em ye'kwana e os alunos seguem o mesmo programa de qualquer outra escola estadual, excetuando-se duas matérias: ao invés de terem aulas de Língua Inglesa, têm aulas de Língua Portuguesa (como “Língua Estrangeira”) e de Língua Materna. A missionária lecionava apenas durante o período em que os professores que cursam a Licenciatura Intercultural têm aulas na Universidade Federal de Boa Vista. Embora as atividades dos professores em Boa Vista se concentrem nos meses de férias escolares (dezembro a fevereiro e julho a setembro), sempre há, em cada período, um choque nos calendários que pode se estender até por um mês, período em que ela assumia as aulas com a ajuda dos professores que permaneciam em Auaris. Ao longo do ano que passei em campo, assumi nesses dois períodos, a pedido dos professores ausentes, as aulas da 7ª e 8ª série, transformadas em turma única, enquanto a missionária ficava com a 5ª e 6ª série. Os alunos mais velhos, sob minha responsabilidade, tinham boa compreensão do Português e por isso ficaram comigo. Um outro professor permaneceu administrando as aulas da tarde, na turma da 4ª série. Minha participação nas aulas colocou-me em contato próximo com os adolescentes, em um ambiente em que pude ter acesso às suas expectativas com relação ao seu futuro.

## TRABALHANDO NA ESCOLA

O prédio onde hoje funciona a escola é uma construção espaçosa, com quatro salas de aula, biblioteca e secretaria, onde ficam os dois computadores e impressora. Foi construído ainda um anexo onde há um refeitório, também usado para reuniões e eventos (nas formaturas de final de ano, por exemplo), a cozinha, onde é preparada a merenda escolar, duas salas onde estudam os pequenos que cursam jardim e maternal e um depósito de material escolar. A construção do prédio seguiu o estilo tradicional ye'kwana, através do trabalho comunitário, com paredes de adobe e telhado de zinco, em substituição ao telhado de palha ou cavaco (como são chamados os pequenos pedaços quadrados de madeira que fazem as vezes de telha).

Toda a comunidade está envolvida, em alguma medida, com a escola. O número de alunos cresce a cada ano, pois, se no início os pais selecionavam dentre sua prole aquele que seria enviado à escola, hoje praticamente todas as crianças estudam. Nas datas comemorativas, todos são convidados a participar dos eventos promovidos pela escola. Pais dos alunos contribuem de forma ativa, fabricando, por exemplo, bancos e mesas para as crianças ou ajudando nos reparos e reformas do edifício e anexo.

Os professores estão ativamente envolvidos no trabalho em prol da comunidade. Não apenas os primeiros professores trabalharam sem remuneração, mas existem atualmente professores que trabalham voluntariamente, enquanto aguardam futura contratação ou o



início da nova turma de magistério. Os professores remunerados contribuem também na compra de materiais e equipamentos; os computadores, por exemplo, foram adquiridos com recursos dos próprios professores, que também compraram placas solares e baterias que possibilitaram a implantação do curso de alfabetização dos adultos, o EJA (Educação de Jovens e Adultos), cujas aulas eram ministradas à noite (com a alfabetização de todos os adultos da aldeia, o EJA foi encerrado). Praticamente todos os adultos e velhos de Auaris (inclusive mulheres) são alfabetizados em sua própria língua.

Ao analisarmos a trajetória dos professores e a sua visão sobre o trabalho na escola, vê-se claramente a influência da ética ye'kwana calcada no ideal ascético do trabalho e na busca pelo conhecimento em sua formação. Vejamos o perfil dos professores, parte de uma primeira geração de jovens ye'kwana, que foram preparados para introduzir seu povo nesse mundo a decifrar.

A primeira geração de professores, que surgiu da turma alfabetizada pela missionária, ilustra o desejo dos pais de prepará-los para enfrentar o futuro revelado pela profecia de wätunnä. Esses homens, que viajaram nas expedições comerciais e trabalharam nas fazendas dos arredores de Boa Vista, sabiam que, a exemplo do que ocorria na Venezuela com seus amigos e parentes, era preciso preparar seus filhos para algo maior do que aquilo que enfrentavam nessa “terceira fase” do contato com os brancos<sup>4</sup>, em que a duras penas tinham acesso aos bens industrializados e cujo ponto crítico foi o período do garimpo. Um dos professores dessa primeira geração tornou esse desejo explícito ao lembrar do sofrimento das viagens longas e perigosas no acidentado rio Auaris. Seu pai sempre relembra tais viagens como momentos pelos quais os homens passavam por grandes dificuldades, “os homens voltavam magrinhos, queimados de tanto sol que tomavam”. Além de desejar um destino menos sofrido para seus descendentes, homens como ele e tantos outros de sua geração sabiam da profecia e do que estava por vir – a chegada dos brancos em área, o solapamento da cultura Ye'kwana. Esses homens tinham duas opções: aguardar o destino anunciado ou assumir papel ativo no processo, mesmo sabendo de sua irreversibilidade. Abraçando a segunda opção, solicitaram repetidamente à FUNAI e à MEVA o envio de um professor a Auaris, pedido atendido com a chegada da missionária. Mais tarde, os jovens que iniciaram os estudos com ela foram estimulados a prosseguir, tanto pelos líderes quanto pela própria missionária. Apesar das dificuldades, essa primeira geração que conseguiu uma formação escolar, como desejavam seus pais, retorna a Auaris para dar seguimento ao projeto de preparar a comunidade, as novas gerações, para o futuro anunciado e aguardado. A segunda geração de professores, quase todos formados em Auaris, é o primeiro resultado do empenho

4 A primeira fase foi marcada pela malsucedida experiência com os colonizadores espanhóis; a segunda fase iniciou-se com a paulatina retomada das relações comerciais com *criollos* e culminou com o drástico *boom* da borracha e posterior dispersão da população em fuga do trabalho escravo. A terceira fase, portanto, se inicia sob o signo das relações comerciais pacíficas com a população local, no Brasil e na Venezuela.

deles no trabalho com a escola.

A escola é o primeiro passo na formação dos jovens para esse futuro. O desejo dos professores é que em breve vários alunos prossigam seus estudos em Boa Vista, cursando a universidade nas mais diversas áreas. “Queremos médico, advogado, dentista, todos Ye’kwana, trabalhando pela comunidade”, confidenciou-me um deles. O processo já está em curso. O irmão de um dos professores terminou o curso técnico de Enfermagem em Boa Vista no final do meu trabalho de campo e foi contratado pela Funasa; outro jovem está terminando também o curso de técnico em Enfermagem; outro concluiu o 2º grau em Boa Vista, trabalhou como secretário na escola em Auaris e retornou a Boa Vista para fazer cursos de informática. Assim como aprenderam com os mais velhos, sabem que precisam se preparar para viver no mundo dos brancos, tomar lugar nele até que este ciclo termine e o próximo se inicie. Essa é a realidade com a qual já têm que conviver, embora enfatizem que continuam lutando para manter a cultura ye’kwana viva na medida do possível:

Eu não acho que a gente vai perder a nossa língua, nós, professores, lutamos para isso, ensinamos os alunos, alfabetizamos primeiro em Ye’kwana. A cultura eu acho que a gente já está perdendo; nós professores, por exemplo, que estudamos em Boa Vista, nós aprendemos as coisas dos brancos, estudamos em escola dos brancos, não sabemos wätunnä, não temos o conhecimento tradicional.

Mas é exatamente por reconhecer tal fato, dizem os professores, que eles têm procurado maneiras de introduzir o conhecimento tradicional na pauta da escola também, como ressalta um deles:

Nas aulas de arte, os alunos aprendem a tocar nossos instrumentos, por exemplo. Com meus alunos de geografia, fiz um mapa da nossa região, com os nomes ye’kwana de cada lugar de Auaris, os territórios de caça e pesca. Depois que comecei o curso na universidade, comecei a pensar que nós temos que produzir o nosso próprio material didático, e não usar só os livros que os brancos fizeram. Eu penso em mudar o pensamento dos nossos jovens que querem ser como os brancos, porque os velhos sofreram muito, até sendo escravizados, por isso eu estudei, para mudar isso. Eu não quero que os jovens estudem só para ganhar dinheiro, quero que eles lutem pelos direitos da comunidade.

Esse sentimento sobre a possibilidade de terem uma fonte não só de bens e riqueza, mas de saber, propiciada pela escola, é resumido nas palavras de outro professor:

Antigamente o pessoal sofria trabalhando nas fazendas, para comprar as coisas. Depois veio o garimpo, a corrida do ouro, o pessoal deixou o trabalho para garimpar. Agora houve uma mudança, o pessoal procura emprego fixo, uma profissão mesmo. Eu acho que isso é um benefício, resultado da escola, ninguém sai mais

para trabalhar nas fazendas. Mas eu acredito que é preciso valorizar mais a cultura da gente na escola. É importante conhecer outras histórias, mas os alunos precisam aprender a história da comunidade, como começou, como viviam os velhos. Nós, professores, precisamos fazer isso. No futuro, nós vamos precisar de emprego, então é melhor estudar cada vez mais e se preparar.

As profissões surgem como novas fontes de riqueza e saber que substituem paulatinamente o trabalho braçal nas fazendas e as expedições comerciais do passado. A situação idealizada é ter trabalho sem sair de Auaris, e as possibilidades hoje disponíveis além do trabalho na educação são na área da saúde ou no alistamento no Exército.

## AS MORTES ANUNCIADAS

O grande paradoxo que a escola representa – por ser um dos signos da destruição e morte da cultura – se reflete nas representações que os Ye'kwana fazem dela. A geração de velhos que lutou pela criação da escola em Auaris hoje lamenta as transformações sociais recentes, apontadas como fruto da educação à moda ocidental. A sedentarização da população, o impacto negativo nas atividades tradicionais e o desrespeito pelos velhos são apontados como os grandes problemas surgidos desse paradoxo, cuja face agonística aparece nos suicídios de jovens, homens e mulheres, que têm assombrado a comunidade nos últimos anos.

Antes, um filho aprendia tudo com os pais, os conselhos para o futuro. Com a escola, os filhos convivem pouco com os pais e a responsabilidade agora é dos professores. Os jovens não sabem mais nada da cultura. Meu avô já dizia que ia ser assim.

Esta frase, dita por um Ye'kwana na casa dos quarenta anos, é recorrente no discurso dos homens de sua geração e dos mais velhos. Embora a escola seja fruto de um projeto consciente e intencional para preparar os jovens para o futuro ciclo, os velhos não deixam de se lamentar pelos efeitos desastrosos que creditam ao fato de que os jovens “querem ser como brancos”. Acredita-se que o projeto de educar os jovens se desvirtuou em algum momento. Alguns falam de guerra xamânica, outros, do poder na profecia, que a cada dia se torna mais palpável.

Nós desejávamos, antigamente, aumentar a população da nossa comunidade, ter mais gente para o trabalho. A população cresceu muito, mas com a escola os jovens ficam presos, não têm tempo para o trabalho ou para o aprendizado de nossas histórias, nosso saber. A escola hoje não está boa. Os pajés antigos sabiam que os

brancos viriam, que chegaria o papel, a escola, então agora já vivemos este tempo e ninguém mais pode impedir. (Peri, vice-tuxaua)

Eu ainda não sei por que a escola se estragou, porque os jovens estudantes estão se matando. Quando a escola começou, pensei que seria bom, que os jovens iam estudar, aprender. Vicente Castro me disse que a escola não é algo certo, não é bom para nós, que está indo por outro caminho, um caminho ruim. Eu ainda não conversei com ele sobre isso, não sei se ele sonhou e está sabendo alguma coisa, se algum pajé ruim estragou a escola, porque nossos jovens não estão aprendendo nada, estão só morrendo. (Néri, tuxaua)

Em 1998 aconteceu o primeiro caso relatado de suicídio em Auaris pelos ye'kwana. Um jovem soldado, que servia no 5º PEF, após uma festa na comunidade em que consumira grande quantidade de caxiri, se matou com um tiro de espingarda. A partir daí, várias mortes e tentativas frustradas de suicídio aterrorizaram a comunidade, todas praticadas por jovens na faixa de 15 a 20 anos. O ano de 2002 marcou o ápice de uma funesta estatística: entre o segundo semestre daquele ano e meados do primeiro semestre do ano seguinte, foram contabilizadas seis mortes por suicídio, além das muitas tentativas. Até minha última visita a Fuduwaaduinha, em dezembro de 2006, os Ye'kwana relataram nove mortes por suicídio desde o fatídico ano de 1998. De junho de 2005 a dezembro de 2006, período de meu trabalho de campo, ocorreram duas mortes por suicídio, uma em dezembro de 2005, de uma moça de 19 anos, e outra em maio de 2006, de um rapaz de apenas 14 anos, ambos por enforcamento. Nesse mesmo período ocorreram seis tentativas de suicídio, a maioria por enforcamento, e uma delas por disparo de arma de fogo. Quase inexplicavelmente, o rapaz, que disparou a arma com o cano apontado sob o queixo, sobreviveu; o disparo não atingiu seu cérebro, mas perfurou-lhe a língua. A equipe de saúde conseguiu conter a hemorragia até transferi-lo para Boa Vista, onde passou por cirurgia, mas ele ficou com a fala comprometida.

A maior parte dos velhos associa os suicídios à escola. As gerações mais jovens têm contato com o mundo dos brancos através da escola, que lhes possibilita ter uma profissão e ingressar nesse mundo novo, quando abrem mão do conhecimento tradicional e “querem ser como os brancos”. A escola, nesse discurso, representa, portanto, o contato com uma realidade que lhes é alheia. Sua proposta inicial foi subvertida: a intenção era adquirir o conhecimento dos brancos e preparar-se para o ciclo vindouro, mas sem abrir mão do conhecimento tradicional. Os jovens, porém, deixaram de lado o conhecimento tradicional e puseram em risco o projeto das gerações anteriores.

O contato com o mundo de fora na busca por conhecimento trouxe também os seus males para o interior do mundo ye'kwana. Os jovens, imersos nesse contato via educação formal, são confrontados com uma lógica a princípio desconhecida e que, em pouco tempo mostra seu poder destrutivo. O grande problema, segundo um dos professores da primeira geração, é que os jovens da geração atual não querem mais se dedicar às

atividades tradicionais no momento em que se tornam estudantes. Quando mudam para Boa Vista para continuar sua formação escolar, o problema se acentua.

Lá eles querem fazer o que os brancos fazem, beber, fumar, ir a festas. Como não têm dinheiro, roubam o dinheiro dos que trabalham ou dos homens que vão fazer compras. Recentemente roubaram até mesmo o tuxaua Néri, quando ele ficou uns dias lá na casa de apoio. Eles vivem lá sem ninguém para orientar, então vão imitar os brancos mesmo.

Quando retornam a Auaris, esses jovens trazem consigo a influência dos brancos. O uso de perfumes, desodorantes e bebida alcoólica enfraquece o corpo, pondo em risco a vida dos jovens.

Antigamente o pessoal ia na cidade e nem tocava em perfume, era perigoso. Quando os viajantes voltavam, tinham que se purificar através de cânticos que os velhos sabiam. Agora os jovens usam perfumes, desodorantes, isso enfraquece o nosso corpo, foi feito para os brancos usarem, nós somos outra gente, faz mal para nosso corpo. Os jovens fazem festa agora, tocam música dos brancos e bebem, perdem a cabeça. Eles brigam, como os brancos mesmo, eu vi em Boa Vista os brancos bebendo, depois brigam, dão tiro. Os jovens aqui ouvem música dos brancos, bebem e depois querem morrer.

Os cuidados com o corpo são uma preocupação cotidiana dos Ye'kwana. O descuido com esses cuidados põe em risco a integridade da pessoa que, vulnerável, fica à mercê de influências malignas que podem levá-la à atitude extrema de dar cabo da própria vida. Ao perder o interesse pelo conhecimento tradicional, os jovens passam a desconhecer certas regras e prescrições com o corpo, a exemplo dos tabus alimentares, e aumentam os riscos com o uso indiscriminado dos produtos fabricados pelos brancos.

É o desinteresse pelas tradições, portanto, que é apontado como fator determinante das mortes. O conhecimento, dos valores morais propriamente ye'kwana, deveria garantir que o projeto de conquista do saber dos brancos não pusesse em risco o *ethos* dos Ye'kwana. Um dos professores mais antigos me disse certa vez:

Eu não acredito que o problema seja a ida dos jovens para estudar em Boa Vista. Eu e vários outros professores vivemos lá e voltamos para trabalhar na nossa comunidade, pelo bem dos nossos jovens.

Essa geração foi preparada para executar o propósito de adquirir conhecimento dos brancos e investi-lo em benefício da comunidade. O que parece ser o grande dilema apontado pelos mais velhos é que esse propósito se desfez de uma geração a outra. Hoje, os jovens imitam os brancos numa triste caricatura que os coloca numa posição limiar. Sobre isso, um dos velhos disse:

Agora é assim: o pai chama o filho para as atividades tradicionais e ele diz, não vou, porque eu sou estudante. Antigamente o pai acordava o filho de madrugada para conversar, contar wätunnä, ensinar as coisas. Agora os filhos vão para a escola, vão para Boa Vista, não escutam mais os pais.

Outro fator apontado como responsável pelos suicídios é a guerra xamânica que enfrentam. Eles afirmam que há um pajé no Cacuri, comunidade ye'kwana na Venezuela, que lançou seus poderes maléficos sobre Fuduwaaduinha depois que um homem da comunidade se envolveu com sua neta, mas não quis casar com a moça. Entretanto, mais uma vez, retomam aqui o argumento anterior: o feitiço atinge os jovens porque eles enfraqueceram seus corpos através de sua má conduta.

“Antigamente tinha festa com muito caxiri. Todo mundo ficava bêbado, alegre, depois ia dormir. Agora os jovens bebem e vão se matar”. A frase, de um dos velhos, ilustra o fato de que a maioria das tentativas de suicídio ocorre durante as festas, depois do consumo de bebida, a tal ponto que, durante o festival da roça nova de 2005, grande parte das espingardas da comunidade foi recolhida e guardada na casa que serve de alojamento para os funcionários da Funasa. A bebida, segundo os velhos, potencializa a fragilidade do corpo despreparado. Um dos casos ocorridos durante minha estada em Auaris deu-se, justamente, durante uma festa. Em maio de 2006, depois de terminada a construção de uma casa, vários jovens passaram a noite bebendo caxiri e ouvindo forró e salsa (essa última trazida pelos Ye'kwana do lado venezuelano da fronteira). O consumo da bebida é padrão durante o trabalho comunal, mas ficara acertado que ao fim do trabalho todos retornariam a suas casas. Entretanto, parte dos rapazes se reuniu na casa de um deles e seguiu noite adentro bebendo e dançando ao som do aparelho de CD. Somente na claridade da manhã seguinte, a cena trágica: o corpo de um jovem de 14 anos jazia pendurado em uma árvore ao lado da casa onde ocorrera a festa.

Nos dias seguintes, os homens debatiam o que poderia ser feito para impedir novas tentativas de suicídio. Por fim, decidiu-se proibir o caxiri por um ano. Muitos, no entanto, duvidavam da eficácia dessa medida por não acreditarem que o caxiri era o responsável pelas mortes. O pai de uma jovem que já tentara suicidar-se diversas vezes, disse:

Os jovens de hoje não respeitam mais os pais, eles querem mandar nos pais. Quando a gente fala eles não escutam, só querem fazer o que acham certo, querem sair, namorar, não querem mais trabalhar, não querem mais aprender as coisas que os pais ensinam.

Descumprindo os preceitos da ética ye'kwana, os jovens apressam ainda mais o destino trágico da etnia e subvertem o projeto de assumir o poder no próximo ciclo.

Os professores, por sua vez, se questionam sobre o papel da escola nos descaminhos

dos jovens. A escola, projeto acalentado para preparar as próximas gerações para o destino inevitável de desaparecer como etnia antes do fim deste mundo, é vista como ferramenta para retardar esse destino. O ensino da língua materna e a introdução gradual do saber tradicional na escola são apontados como os ajustes necessários para se obter sucesso na empreitada. Mais uma vez, os Ye'kwana mostram que são capazes de reverter a seu favor uma situação desvantajosa, através de uma ética que busca sempre aliar o novo ao tradicional. Um dos professores, cada vez mais interessado em introduzir o saber tradicional nas aulas, afirmou que, no início, não se preocupava com isso. A história mostrou-lhe, a duras penas, a necessidade de retomar o saber tradicional para continuarem existindo como gente de verdade e não como fantasmas do que foram um dia.

Lauer (2005) chama atenção para o fato de que os Ye'kwana sempre tiveram a habilidade de manter a coerência cultural quando forças externas põem-na em risco. Diz ele que a história mostra que os Ye'kwana têm mantido um grau de continuidade cultural, mesmo diante das incursões europeias e de outros grupos étnicos agressivos. A habilidade foi tal que os Ye'kwana, já no século XVII, com a invasão espanhola, utilizaram as próprias armas de fogo dos inimigos para expulsá-los de seu território tempos depois. Arvelo-Jiménez já apontava, anos antes, para o fato de que, embora a sociedade ye'kwana seja organizada em aldeias autônomas, o sistema social tem potencial para a centralização em tempos de guerra ou quando forças externas ameaçam sua continuidade cultural, através de uma rede que interconecta as comunidades. Para além de tudo isso, acredito que a força doutrinária de wätunnä, que os leva a conjugar num só tempo tradição e modernidade, sobretudo em tempos de crise, impulsiona-os a seguir lutando com o destino paradoxal em que estão imersos. Esse paradoxo está na necessidade de se tornar branco para voltar a ser Ye'kwana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Karenina Vieira. 2007. *A Ética Ye'kuana e o Espírito do Empreendimento*. Brasília: Tese de doutorado em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília.
- ARVELO-JIMÉNEZ, Nelly. F. MORALES MÉNDEZ & HORACIO BIORD CASTILLO, 1989. "Repensando la historia del Orinoco". *Revista de Antropología*, 5(1,2) (:155-174).
- ARVELO-JIMÉNEZ, Nelly. 2001. "Movimientos Etnopolíticos Contemporáneos y sus Raíces Organizacionales en el Sistema de Interdependencia Regional del Orinoco". *Série Antropología*, 309 (:1-25).
- ARVELO-JIMÉNEZ, Nelly & Simeón Jiménez (org.). 2001b. Atlas Dekuana, Caracas: *Asociación Kuyujani Originário y Asociación Outro Futuro*.
- COPPENS, Walter, 1981. *Del Canalete al Motor Fuera de Borda – Misión em Jiwitiña y otras áreas de aculturación em três pueblos Ye'kuana del Caura-Paragua*. Caracas: Fundación La Salle, Instituto Caribe de Antropología e Sociología.
- FRECHIONE, John. 1981. *Economic Self-Development by Yekuana Amerinds in Southern Venezuela*. Pittsburgh: PhD Thesis, University of Pittsburgh.
- LAUER, Matthew Taylor. 2005. *Fertility in Amazonia: Indigenous concepts of the human reproductive process among the Ye'kuana of Southern Venezuela*. Goleta: PhD Thesis, University of California Santa Barbara.
- MOREIRA, Elaine. 2004. "Entre "Corpo" e "Alma": a não-conversão dos Yekuana no Brasil". In: R. M. Wright (org.). *Transformando os Deuses – igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais entre os povos indígenas no Brasil, volume II*. Campinas: Editora Unicamp (: 341-375).
- RAMOS, Alcida Rita. 1990. *Memória Sanumá – Tempo e Espaço em uma Sociedade Yanomami*. Brasília: EdUnB/Marco Zero.



# ACCUMULATING KNOWLEDGE - THE EDUCATIONAL PROCESS AMONG THE YE'KWANA.

## ABSTRACT

This article offers a reflection on the school and its significance among the Ye'kwana, an amazonian people who lives at the international border among Brazil and Venezuela. Analyzing the trajectory of the first ye'kwana teachers, who had an important role at the consolidation of school in the village, the paper discuss the institution as a privilege place to access the non-indigenous world.

## KEYWORDS

Ye'kwana, indigenous education, indigenous schooling, Karib speaking people, Amazon.

## SOBRE A AUTORA

### KARENINA VIEIRA ANDRADE

Professora adjunta do Departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Minas Gerais.

Contato: karenina@ufmg.br.